



Dona Rebeca, fé e penitência

Alexandre Santos

Confidências das estripulias sexuais vividas pela fogaosa viúva Rebeca.

Ainda jovem, Dona Rebeca enviuvara. O marido, um tal Rodolfo, um homem viril e guloso, morrera nos braços de uma sirigaita que, depois descobriu, havia destruído pelo menos cinco casamentos. Mesmo assim, lembrando de que já sabia das trelas do marido insaciável há muito tempo, Dona Rebeca o perdoou e, em lágrimas, jurou guardar-se para voltar a ele [e só a ele] no paraíso. Ninguém acreditava que uma mulher bonita e jovem como ela pudesse suportar uma promessa tão rigorosa.

– Rebeca é uma mulher de fibra – comentavam as madrinhas e comadres

A vida de viúva não era fácil. Os primeiros dias foram os piores. À noite, afogueada pelas vontades, Dona Rebeca se revirava na cama ainda marcada pelos cheiros do finado e, sem alternativa, acariciava as partes mais sensíveis madrugada à dentro. Este sistema não deu certo por muito tempo. Antes do primeiro aniversário do passamento, Rebeca já estava arrependida de ter-se comprometido com o defunto e liberou o pensamento para vãos mais ousados.

Angustiada pela ausência de macho e atormentada pelos pecados que cometia a rodo em pensamentos, Dona Rebeca recorreu à Igreja e com alegria mergulhou na vida religiosa.

Pelo menos, isso era o que pensavam as vizinhas, madrinhas e comadres, quando, quase todos os dias, envolta num véu escuro, a viuvinha percorria a Ribeira e subia até a Igreja de São João Batista, onde passava horas e horas. O que ninguém sabia é que, dona Rebeca não passava as horas rezando e, sim fornicando com o vigário.

A bandalheira começara pouco depois do trigésimo dia do passamento.

Um dia, disposta a reconciliar a consciência pesada pelas vontades carnis que a atormentavam constantemente com a pureza esperada em uma mulher recém viúva, Dona Rebeca procurou uma igreja longe de casa para confessar os pecados mais cabeludos. Coberta por uma manta translúcida, Dona Rebeca confiou no anonimato do confessionário mais recolhido e desnudou a alma, abrindo o coração.

Sem dizer quem era ou omitir qualquer detalhe, Dona Rebeca sonhou acordada, contando os momentos mais íntimos que desfrutara com o finado marido.

– Eu não consigo esquecer, Padre – admitiu, com a voz entrecortada.

Sem ligar para a respiração cada vez mais pesada do outro lado da janela serrilhada, Rebeca confessou tudo. Não escondeu nenhum detalhe, fosse ele dianteiro, traseiro ou qualquer outro.

Ao final da confissão, já recomposta do transe que a levava ao paraíso de meses atrás, Dona Rebeca foi surpreendida pela voz do vigário, que ao invés de condená-la às severas penitências esperadas, determinou sua entrada no confessionário.

– Entre aqui, minha filha.

Sem maiores delongas, o padre levantou a batina e a fez demonstrar na prática os pecados dos quais queria ser perdoada.

E, tim-tim por tim-tim, Rebeca repetiu a confissão.

– Volte amanhã, minha filha – disse o fornicário, acrescentando ter ela ainda muita coisa a ser perdoada.

– Como eu vou achá-lo, padre? – Dona Rebeca perguntou ansiosa.

– Me procure na sacristia – orientou o confessor.

Dona Rebeca não sabia que uma confissão pudesse ser daquele jeito.

A noite, com a consciência estranhamente leve, ela conseguiu dormir sem lembrar do finado marido. Ela sonhou com a Igreja e com o pastor que, daquele dia em diante orientaria sua vida.

E foi, assim, satisfeitiíssima, que, cada vez mais religiosa, Dona Rebeca se deu à Igreja, passando a integrar a pequena ordem das beatas que compunham a obra do padre Rosa, servindo-o e sustentando-o com o melhor a seu alcance.

Os dias se passaram e a alegria de Deus voltou a sorrir os lábios da viúva. Poucas vezes a devoção e felicidade de Dona Rebeca foram abaladas. As turbulências foram prontamente superadas e a fé recomposta e fortalecida. A primeira vez que a nova fé de Rebeca foi colocada à prova aconteceu foi quando a viúva soube ser o seu padre também confessor regular de outras mulheres igualmente carentes. Naquele dia, Dona Rebeca ficou possessa e, num arroubo de ciúmes, chegou a gritar ameaçando deixar a paróquia, se matar, contar seus novos pecados ao Vaticano e tudo o mais. A veneração parecia destruída mas, conhecendo o rebanho como conhecia, o padre Rosa abraçou a devota e, acariciando, apalpando e beijando os lugares certos, conseguiu acalmá-la. Rebeca, então, esboçou um tímido sorriso e, provando que a crise estava superada, se disse em pecado e pediu para fazer a “confissão completa”, capaz de recompor a paz de espírito de que tanto necessitava.

Daquele momento em diante, compreendendo que [como os outros homens que conhecera] o vigário também precisava cuidar de outras ovelhas, Dona Rebeca jamais protestou. Nem mesmo quando flagrou o seu padre aplicando rigorosas penitências numa jovem pecadora. Naquele dia, altruísta, ela, simplesmente, deu meia volta e, resignada, retornou à sala de espera para aguardar pacientemente a sua vez.

Vale dizer que, nem sempre, Dona Rebeca foi tão conformada.

Uma vez, com as vontades em fogo, cansada de esperar, Dona Rebeca adentrou a sacristia e, horrorizada, deparou o seu padre em ação. Com afinco, ele fazia desaparecer as culpas da dona da mercearia. Nus em pêlo, eles enroscavam uma ladainha capaz de expiar

qualquer pecado. Por um momento, Dona Rebeca pensou esganá-los, mas, tomada por uma força desconhecida, desvencilhou as roupas e mergulhou na liturgia. Superada a surpresa inicial, o padre Rosa alterou o ritual que normalmente seguia e acolheu com entusiasmo a nova penitente. Com a contrição de sempre, Dona Rebeca aceitou as penitências que lhe foram cobradas, inclusive pela rival, que com ela compartilhou o perdão oferecido pelo pastor de ambas. Depois daquela tarde, sempre que se encontravam na igreja, ao invés de disputar a primazia da confissão, Dona Rebeca e a dona da mercearia sugeriam que o padre Tomé.as redimisse juntas. A fé tinha conseguido superar a rivalidade daquelas mulheres, que envelheceram juntas, servindo a Igreja do padre Rosa.

Muitos e muitos anos depois, já aposentada até mesmo do coral, com as confissões prestadas ao Padre Rosa apenas na lembrança, Dona Rebeca foi chamada aos céus para o julgamento final. Repentinamente jovem como se os tempos tivessem voltado, Rebeca aceitou com naturalidade a penitência a que fora condenada: passaria uma temporada no Purgatório.

Sem delongas, desceu imediatamente.

Parecia estar de volta a sacristia de anos atrás. Tudo igualzinho. Na fila dos cumprimentos, a surpresa. Lado a lado, estendendo-lhes as mãos, estavam o marido Rodolfo e o padre Rosa.

Dona Rebeca não sabia o que aconteceria em seguida, mas, lembrando os momentos passados com ambos, concluiu que o seu Paraíso ficava em algum lugar do Purgatório.

(*) Alexandre Santos é presidente da UBE-PE